

Dívida pública é a maior da história

■ Montante chega a R\$ 557,3 bilhões.
Resultado de outubro é o pior do ano

MARCELLO SIGWALT

BRASÍLIA – As contas do setor público tiveram em outubro o pior resultado do ano, e a dívida pública atingiu a maior cifra da história: R\$ 557,3 bilhões, equivalente a 48,6% do Produto Interno Bruto (PIB). O superávit primário no mês passado não passou de R\$ 873 milhões, muito abaixo do superávit de R\$ 4,071 bilhões registrado em setembro e só superado pelo déficit de R\$ 1,801 bilhão, em dezembro de 1999.

A performance tímida de outubro está ligada a dois déficits: o pagamento de R\$ 1 bilhão em subsídios concedidos pelo governo ao setor agrícola e R\$ 2 bilhões de gastos com juros devido à desvalorização cambial (3,52%) ocorrida nesse mês. A queda do resultado primário vem ocorrendo desde agosto, quando houve superávit de R\$ 6,485 bilhões, caindo para um superávit de R\$ 4,071 bilhões em setembro e despencando para R\$ 873 milhões em outubro.

Meta – Apesar do resultado de outubro, o chefe do Departamento Econômico (Depec) do Banco Central (BC), Altamir Lopes, não vê qualquer dificuldade para atingir a meta acertada com o Fundo Monetário Internacional (FMI), de obter superávit primário entre R\$ 36 bilhões e R\$ 37 bilhões em 2000. De janeiro a outubro deste ano, o superávit primário está acumulado em R\$ 36,2 bilhões – 3,98% do PIB.

Lopes assinalou que, mais importante do que o valor da dívida líquida global é sua relação com o PIB, ainda dentro das metas acertadas com o Fundo. A estimativa do BC é de que a dívida líquida total do setor público atinja em dezembro 50% do PIB, ou aproxi-

madamente R\$ 568,697 bilhões.

Para o mês de novembro, o chefe do Depec espera um pequeno superávit nas contas públicas, a exemplo de outubro. “As despesas com juros nominais em novembro serão menores após o abatimento da dívida pública pelos recursos da venda do Banespa ao banco Santander (R\$ 7 bilhões)”, acrescentou.

Surpresa – Lopes explicou que o resultado de outubro era esperado pelo governo, uma vez que nesse mês ocorre o pagamento dos juros acumulados desde o início do ano. Mas ele considerou “surpreendente” o desempenho dos governos regionais (governos estaduais e municipais e respectivas estatais), cujo superávit atingiu R\$ 1,003 bilhão.

O déficit primário de R\$ 130 milhões do governo central em outubro só não foi maior em razão do excelente resultado das estatais federais, que tiveram superávit de R\$ 1,352 bilhão, compensando os déficits do governo federal e do Banco Central (R\$ 571 milhões) e do INSS (R\$ 910 milhões). Puxou o resultado das estatais federais o crescimento expressivo de receita da Petrobras, após a elevação do preço do petróleo no mercado internacional. A desvalorização cambial também elevou de R\$ 7,5 bilhões para R\$ 10,7 bilhões os juros nominais apropriados pelo BC de setembro para outubro.

Lopes esclareceu que o déficit agrícola de R\$ 1 bilhão diz respeito à diferença entre as taxas sobre empréstimos cobradas pelo mercado financeiro ao setor rural e as concedidas pelo setor público aos agricultores, mais baixas – seria um subsídio à atividade. Essas obrigações vêm sendo renegociadas desde 1995.